

O  
**HOMEM**  
**QUE**  
**BUSCAVA**  
**SUA**  
**SOMBRA**  
DAVID LAGERCRANTZ

*Tradução do sueco*  
Guilherme Braga



Copyright © 2017 by David Lagercrantz & Moggliden AB  
Publicado originalmente pela Norstedts na Suécia em 2017.  
Publicado mediante acordo com a Norstedts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Mannen som sökte sin skugga

*Capa*

Retina\_78

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Luciane Gomide

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lagercrantz, David

O homem que buscava sua sombra / David Lagercrantz ; tradução  
do sueco Guilherme Braga. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2017. — (Millennium ; 5)

Título original : Mannen som sökte sin skugga.  
ISBN 978-85-359-2979-9

1. Ficção sueca 1. Título. II. Série.

---

17-06680

cdd-839.73

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)  
[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)  
[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)  
[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

## SUMÁRIO

Prólogo, 7

I. O dragão, 9

II. Barulhos perturbadores, 183

III. O gêmeo desaparecido, 245

Epílogo, 357

## PRÓLOGO

Sentado em sua cadeira de rodas na sala de visitas, Holger Palmgren perguntou:

“Essa tatuagem de dragão... eu sempre quis te perguntar: por que ela é tão importante para você?”

“Tem a ver com a minha mãe.”

“Com Agneta?”

“Eu era pequena, devia ter uns seis anos, e fui de casa.”

“Acho que me lembro. Uma mulher visitou vocês, não foi? Ela tinha uma marca de nascença no pescoço.”

“Parecia uma queimadura.”

“Uma queimadura em formato de dragão?”

# I. O DRAGÃO

## 12 A 20 DE JUNHO

*Sten Sture, o Velho, mandou erguer a estátua em 1489 para comemorar sua vitória sobre o rei da Dinamarca na batalha de Brunkeberg.*

*Na estátua — que fica na Storkyrkan, a catedral de São Nicolau, em Estocolmo —, São Jorge está montado em seu cavalo, com a espada em riste. Um dragão moribundo encontra-se sob os pés do animal. Próximo à cena vê-se uma mulher com roupas típicas da Borgonha.*

*Ela representa a virgem que o cavaleiro salva e supostamente foi inspirada em Ingeborg Åkesdotter, esposa de Sten Sture, o Velho. A virgem parece indiferente à cena da batalha.*

## 1. 12 DE JUNHO

Lisbeth Salander saiu de um dos chuveiros da sala de exercícios e foi parada no corredor pelo chefe de segurança, Alvar Olsen, que começou a tagarelar sobre uma coisa qualquer. Talvez estivesse meio alterado. Fazia gestos exagerados enquanto mostrava a ela um papel. Mas Lisbeth não ouviu uma palavra sequer. Eram sete e meia da noite.

Sete e meia era o pior horário na prisão de Flodberga. O trem de carga passava com estrondo, as paredes estremeciam, as chaves tilintavam e sentia-se o cheiro da mistura de suor e perfume. Nenhum horário era mais perigoso naquela prisão do que sete e meia da noite. Nesse instante, abafadas pelo estardalhaço do trem e pelo tumulto generalizado que se instalava assim que as portas das celas eram trancadas, as piores agressões ocorriam. Nessa hora, Lisbeth Salander sempre deixava o olhar passear de um lado a outro, e com certeza não foi por coincidência que naquele momento exato viu Faria Kazi.

Faria, uma mulher jovem e bonita de Bangladesh, estava sentada em sua cela, à esquerda deles. Mesmo que, do lugar onde se encontrava, Lisbeth não visse mais do que o rosto da outra, não havia dúvida de que Faria Kazi estava sendo espancada. De vez em quando, sua cabeça fazia um movimento

brusco para um lado, depois para o outro. Os golpes não eram exageradamente fortes, e parecia haver um elemento ritualístico naquela cena, que vinha acontecendo fazia muito tempo. Dava para notar, pelas ofensas e atitudes da agressora. Dava para sentir que aquela tirania havia chegado ao fundo e destruído toda a resistência que um dia existira em Faria.

Suas mãos não procuravam deter as bofetadas e em seu olhar não havia surpresa, apenas um grito triste e silencioso. Faria Kazi convivia com o terror. Lisbeth percebeu tudo ao analisar o rosto dela, e o que viu confirmava o que havia percebido ao longo daquelas semanas na prisão.

“Ali”, disse, apontando para a cela de Faria.

Mas quando Alvar Olsen se virou para olhar, tudo tinha acabado. Lisbeth, então, se afastou, entrou em sua cela e fechou a porta. Do lado de fora, ouviam-se vozes e risadas abafadas, e também o barulho do trem de carga, que parecia disposto a ribombar e a estremecer o chão para sempre. À frente de Lisbeth estavam a pia reluzente, a cama estreita, a estante de livros e a mesa com seus cálculos quânticos. Será que devia levá-los adiante, na tentativa de encontrar a gravidade quântica em loop? Olhou para sua mão, que segurava alguma coisa. Quando Alvar havia lhe mostrado aqueles papéis momentos antes, eles tinham despertado a curiosidade de Lisbeth. Mas era apenas um teste de inteligência, com manchas de café na primeira folha. Não passavam de uma bobagem, e Lisbeth não deu importância.

Odiava ser avaliada, medida, por isso deixou os papéis escorregarem das mãos e se espalharem em forma de leque pelo piso de concreto. Em seguida se esqueceu daquilo e voltou a pensar em Faria Kazi. Mesmo sem nunca ter visto quem batia nela, sabia muito bem quem era a agressora. A princípio ela não se importou muito com a atmosfera do lugar, mas com o tempo, e mesmo contra a sua vontade, acabou sendo empurrada para a vida na cadeia, tendo aprendido a interpretar os sinais visíveis e invisíveis, de maneira a entender quem realmente mandava no pavilhão.

O pavilhão B, também conhecido como pavilhão de segurança, dava a impressão de ser o local mais bem guardado de todo o complexo, impressão compartilhada inclusive por aqueles que visitavam os presos ou os que iam até lá para uma rápida inspeção. Em nenhum outro lugar do presídio havia tantos guardas, controles e programas de reabilitação. Mas, quando se olhava de perto, notava-se alguma coisa de podre ali. Os guardas agiam de maneira

ríspera e autoritária com a maioria das presas e de maneira solidária com outras. Os covardes haviam de fato perdido o controle da situação e entregado o poder ao inimigo — no caso, a mafiosa Benito Andersson e sua gangue.

Durante o dia, Benito mantinha uma presença discreta, e à primeira visita parecia uma interna de comportamento exemplar. Porém, à tarde, quando as detentas podiam se exercitar ou receber visitas, ela dominava o ambiente, e em nenhuma hora do dia seu império de terror era tão poderoso quanto um pouco antes de as celas voltarem a ser trancadas, à noite. As prisioneiras da gangue de Benito caminhavam pelos corredores sussurrando ameaças e promessas, elas de um lado, suas vítimas de outro.

Naturalmente era um escândalo Lisbeth Salander estar presa. As circunstâncias que concorreram para isso não tinham ajudado em nada, e, verdade seja dita, ela também não havia lutado contra aquilo com muita convicção. Para Lisbeth, tudo não passava de um interlúdio estúpido, e para ela não fazia diferença estar no xadrez ou em qualquer outro lugar.

Ela tinha sido condenada a cumprir dois meses por posse ilegal de arma, apropriação indébita e periclitação de vida, por seu envolvimento nas ocorrências que se desenrolaram depois do assassinato do professor Frans Balder, quando, por iniciativa própria, escondeu um garoto autista de oito anos e negou-se a cooperar com a polícia por haver encontrado uma falha no relatório oficial. Ninguém destacou sua fundamental contribuição para salvar a vida do menino. O procurador-chefe Richard Ekström empenhou-se de forma decisiva na continuidade do processo, até que, por fim, a Justiça deu razão a seus argumentos, ainda que um de seus assessores tenha manifestado opinião divergente e Annika Giannini, a advogada de Lisbeth, feito um trabalho brilhante. No entanto, como não recebeu muita ajuda da própria Lisbeth, Annika viu reduzidas suas chances de defesa.

Lisbeth manteve-se calada e emburrada durante todo o julgamento e negou-se a entrar com recurso contra a sentença. Tudo que queria era pôr fim àquele espetáculo; desse modo, conforme se esperava, foi mandada para o complexo aberto de Björngärda Gård, onde desfrutava de enorme liberdade. Como mais tarde chegaram informações de que sua vida podia estar em perigo — o que não causou surpresa, tendo em vista o tipo de gente com

quem havia mexido —, Lisbeth foi transferida para o pavilhão de segurança máxima da prisão de Flodberga.

Não tinha sido, porém, algo tão assustador quanto parecera a princípio. Embora estivesse vivendo no meio das delinquentes mais perigosas do país, Lisbeth não podia reclamar. Estava sempre rodeada por guardas, e fazia anos que nenhum ataque ou incidente violento ocorria naquele pavilhão. Os responsáveis apresentavam estatísticas impressionantes sobre a reabilitação das internas, embora esses números remontassem ao período anterior à chegada de Benito Andersson.

Desde o início Lisbeth havia enfrentado provocações, o que não a surpreendeu. Afinal, tratava-se de uma prisioneira de perfil notável, conhecida na mídia e também vítima de boatos e informações que circulavam pelos canais do submundo do crime. Poucos dias antes, a própria Benito havia colado nela um bilhete com as seguintes palavras: “Amiga ou inimiga?”. Depois de um minuto, Lisbeth atirou longe o bilhete — havia levado mais ou menos cinquenta e oito segundos para se dispor a ler a mensagem.

Lisbeth não se metia com disputas de poder na prisão nem gastava tempo com relações de amizade. Em vez disso, concentrava-se em se aperfeiçoar, e até o momento já tinha aprendido mais do que o necessário. Seus olhos vazios estavam fixos na estante de livros, onde havia uma série de artigos sobre teoria quântica de campos que encomendara antes de ir para a prisão. No guarda-roupa à esquerda, duas peças de uniforme do complexo penitenciário com as letras KV — as iniciais de Kriminalvården, ou “serviço correccional” — estampadas no peito, roupas de baixo e dois pares de tênis para os exercícios físicos. Nas paredes não havia nada, nenhuma fotografia ou lembrança de sua vida fora das grades. Para ela, a decoração daquele lugar tinha uma importância tão pequena quanto a de seu apartamento da Fiskargatan.

No corredor, as portas das celas começaram a ser trancadas, o que costumava ser uma libertação para Lisbeth. Quando os barulhos cessavam e o pavilhão silenciava, ela se aprofundava na matemática — em seus esforços para unir a mecânica quântica com a teoria da relatividade — e esquecia o mundo exterior. Mas naquela noite tudo parecia diferente. Lisbeth não estava irritada apenas com a agressão que Faria Kazi sofrera ou com toda a corrup-

ção existente naquele lugar, mas pela visita que seu ex-tutor Holger Palmgren lhe fizera seis dias antes. Ele havia se responsabilizado por ela na época em que a Justiça a considerara incapaz de cuidar de si mesma.

A visita que ele lhe fizera fora um drama à parte. Holger jamais saía de casa, pois dependia das cuidadoras e dos auxiliares que o ajudavam em seu apartamento em Liljeholmen. Mas ele tinha feito questão de ir vê-la, e apareceu na prisão em sua cadeira de rodas, levado pelo serviço de transporte de pessoas com mobilidade reduzida, arquejando por trás de uma máscara de oxigênio. Tinha sido bom. Os dois conversaram sobre os velhos tempos, e Holger mostrou-se sentimental e comovido. Mas uma coisa perturbava Lisbeth. Holger contou ter recebido a visita de uma mulher chamada Maj-Britt Torell, ex-secretária do setor de psiquiatria infantil do Sankt Stefans, onde Lisbeth ficara internada quando criança. A mulher tinha lido sobre Lisbeth nos jornais e reunido alguns papéis que achou que pudessem ser do interesse dela. Segundo Holger, no entanto, não passavam de relatórios antigos que detalhavam as vezes em que Lisbeth havia sido amarrada na cama e tratada de maneira cruel. “Nada que você precise ler”, disse. Mesmo assim, os papéis deviam trazer alguma novidade, porque quando Holger perguntou sobre a tatuagem de dragão e Lisbeth mencionou a mulher com a marca de nascença, ele perguntou:

“Ela não era do Registro de Estudos em Genética e Meio Ambiente de Uppsala? Achei que eu tinha lido algo parecido.”

“Deve ter sido em documentos mais recentes”, ela disse.

“Você acha? Talvez eu esteja tendo alucinações com essa história toda.”

Talvez Holger estivesse mesmo tendo alucinações com toda aquela história. Afinal, já estava velho. Mesmo assim, as informações não saíram da cabeça de Lisbeth naqueles dias. Tinhama consumido por dentro enquanto socava a bola de boxe na sala de exercícios à tarde e também de manhã, enquanto trabalhava no ateliê de cerâmica, e continuavam a consumi-la naquele instante, seu olhar grudado no chão da cela.

De repente, por um instante e sem saber por quê, o teste de Q.I. pareceu a Lisbeth ter deixado de ser um papel qualquer e se transformado numa extensão de sua conversa com Holger. Então se lembrou de que a mulher com a marca de nascença também costumava aplicar vários testes nela e que essas sessões sempre terminavam em brigas e escândalo, até o dia em que culminaram na fuga de Lisbeth de casa, aos seis anos de idade.

O essencial nessa lembrança, no entanto, não eram os testes nem a fuga, e sim a suspeita de que existia em sua infância um elemento decisivo ainda desconhecido; e nesse instante Lisbeth percebeu que precisava descobrir mais coisas.

Logo estaria livre de novo e poderia fazer o que bem entendesse. Por enquanto teria que contar com a ajuda de Alvar Olsen, o chefe de segurança. Mas ela o tinha nas mãos. Aquela não fora a primeira vez que ele havia dado as costas às agressões ocorridas em seu pavilhão. Coordenado por Olsen e motivo de orgulho para o serviço penitenciário, o pavilhão se encontrava em plena crise moral, e Lisbeth começou a se perguntar se Alvar Olsen não poderia ajudá-la a providenciar o que ninguém havia conseguido lá dentro — uma conexão com a internet.

Ela apurou os ouvidos em direção ao corredor. Palavras corriqueiras e xingamentos eram proferidos à meia-voz, portas batiam, passos ecoavam ao longe. Depois tudo ficou em silêncio, a não ser pelo ruído do sistema de ventilação, que não funcionava muito bem. O ambiente estava insuportavelmente abafado. Lisbeth Salander olhou para o teste no chão e pensou em Faria Kazi, em Benito, em Alvar Olsen e na mulher com a marca de nascença no pescoço.

Agachou-se para juntar os papéis, sentou-se junto à mesa e começou a escrever depressa as respostas. Ao terminar, acionou o interfone ao lado da porta de aço. Alvar Olsen atendeu, hesitante e nervoso. Lisbeth disse que precisava falar com ele imediatamente.

“É importante”, insistiu.

## 2. 12 DE JUNHO

Alvar Olsen queria ir para casa, mas primeiro precisava encerrar o expediente, pôr em ordem a papelada e, naturalmente, dar boa-noite à sua filha Vilda, de nove anos, por telefone. Como sempre, Kerstin, a tia dele, passou o telefone para a menina e, como sempre também, antes Kerstin foi aconselhada a trancar bem todas as portas.

Fazia doze anos que Alvar chefiava o pavilhão de segurança da prisão de Flodberga. Ele se considerava a pessoa ideal para aquele trabalho, que o enchia de orgulho. Na juventude, tinha salvado a vida de sua mãe, uma alcoólatra inveterada, e depois conseguido que ficasse sóbria. Desde cedo evidenciara um caráter apaixonado, sempre ao lado dos menos favorecidos, portanto ninguém se surpreendeu quando Alvar Olsen decidiu procurar emprego no serviço correcional, onde logo construiu uma reputação sólida e admirável. Mas, passado todo esse tempo, não havia restado muito do idealismo de outrora.

O primeiro golpe duro veio quando sua mulher foi embora de casa para ir morar com o ex-chefe dela, em Åre, deixando-o sozinho com a filha. Mas quem acabou de vez com sua fé no ser humano foi Benito. Alvar costumava dizer que mesmo nos criminosos existe um pouco de bondade. No entanto,

ninguém havia conseguido encontrar nenhum tipo de bondade em Benito, e não foi por falta de quem se dispusesse a procurar — namorados, namoradas, advogados, terapeutas, psiquiatras forenses, e ainda dois ou três pastores. Benito nascera Beatrice e havia adotado esse outro nome em homenagem ao fascista italiano. Apesar da suástica tatuada no pescoço, do cabelo raspado e de seu rosto pálido, ela não era uma visão assustadora.

Com um físico digno de lutadora, Benito não deixava de ter certa graça, e não eram poucos os que se encantavam com aquela presença grandiosa. Ainda assim, o sentimento da maioria das pessoas em relação a ela era o de pavor. Benito havia — pelo menos de acordo com os boatos que corriam — matado três homens com dois punhais que ela chamava de Kris e Keris. Eles eram mencionados com tamanha frequência, que haviam passado a fazer parte da atmosfera sufocante e ameaçadora que reinava no complexo penitenciário. Volta e meia ouvia-se dizer que o pior que podia acontecer a alguém no pavilhão era Benito apontar um desses punhais à pessoa, pois seria morte certa. Apesar de boa parte dos boatos não passar de um amontoado de bobagens — mesmo porque facas eram mantidas a uma distância segura da prisão —, o falatório influenciava a atmosfera do lugar. As histórias sobre os punhais Kris e Keris espalhavam medo pelos corredores e reforçavam a visão que Benito cultivava, de ameaçadora. Era uma vergonha, um escândalo, e Alvar tinha se curvado a isso.

Devia estar preparado para enfrentar a situação. Alvar media um metro e noventa e dois, pesava oitenta e oito quilos e tinha um corpo rígido e musculoso; na adolescência havia trocado socos com os bêbados e canalhas que tentavam se aproximar de sua mãe. Mas agora ele tinha um ponto fraco: era um homem sozinho com uma filha. Fazia pouco mais de um ano, Benito tinha se aproximado dele no pátio e sussurrara em seu ouvido um trajeto — a localização assustadoramente exata de cada corredor e de cada escada por onde Alvar passava todos os dias para deixar a filha na classe 3A, no terceiro andar da Fridhemsskolan em Örebro.

“Meu punhal está apontado para a sua filha”, ela tinha dito.

Mais não seria necessário. Alvar perdeu o controle do pavilhão, e a decadência se disseminou pelos escalões hierárquicos mais baixos. Ele não duvidou, nem por um segundo, que alguns de seus colegas — como o covarde Fred Strömmér — tivessem começado a ceder à corrupção. Nenhuma época

do ano era pior que o verão, quando o presídio ficava lotado de empregados temporários, incompetentes e assustados, e a temperatura abafada nos corredores aumentava ainda mais o nervosismo e a tensão. Alvar perdera a conta das vezes em que tinha jurado restaurar a ordem daquele lugar. Porém, não havia conseguido. E também não ajudava em nada Rikard Fager, o diretor do complexo penitenciário, ser um idiota. Rikard Fager interessava-se apenas pela fachada, e a fachada ainda brilhava e reluzia, por mais podre que tudo estivesse por trás dela.

Todas as tardes Alvar via-se paralisado pelo olhar de Benito e, de acordo com a psicologia da tirania, cada vez que ele se curvava a ela, mais fraco se tornava. Era como se o sangue deixasse seu corpo. E o pior é que não conseguia defender Faria Kazi.

Faria tinha sido condenada pela morte de seu irmão mais velho, que empurrou em direção a uma ampla janela no subúrbio de Sickla, em Estocolmo. Sua personalidade, porém, não exibia traços de agressividade nem de violência. Faria passava a maior parte do tempo na cela, lendo ou chorando, e fora mandada ao pavilhão de segurança pois estava sob risco de suicídio e havia recebido ameaças. Era uma pessoa destruída, abandonada por todos, inclusive pela sociedade. Não assumia atitudes provocativas nos corredores do presídio nem lançava olhares gelados para inspirar respeito — sua beleza frágil tinha atraído almas atormentadas e sádicas, e Alvar se odiava por não conseguir fazer nada para ajudá-la.

A única atitude construtiva à qual havia se dedicado nos últimos tempos fora se interessar pela nova garota, Lisbeth Salander, coisa nada fácil. Lisbeth Salander era um osso duro de roer e despertava tantos comentários quanto Benito. Algumas prisioneiras admiravam Salander, outras a viam como uma escrotinha cheia de si e outras, ainda, sentiam seu lugar na hierarquia ameaçado. O corpo inteiro de Benito — cada músculo dele — parecia prestes a iniciar uma disputa por poder, e Alvar não duvidou nem por um segundo que, graças aos contatos que Benito mantinha além das grades, ela tivesse reunido informações sobre Salander, exatamente como havia feito com ele e com todos do pavilhão.

Mesmo assim, nada tinha acontecido, nem mesmo quando Lisbeth, apesar do elevado nível de segurança do regime ao qual se encontrava submetida, obteve autorização para trabalhar durante o dia no pátio e no ateliê

de cerâmica. Lisbeth não possuía nenhum talento para a cerâmica, os vasos que produzia eram os piores que Alvar já tinha visto, tampouco demonstrava interesse em socializar com as detentas. Ela praticamente não abria a boca. Parecia viver num mundo à parte, sem se importar com os olhares e as provocações que recebia, ou mesmo com os cutucões e alguns socos que Benito lhe dava em segredo. Lisbeth simplesmente ignorava tudo isso. A única pessoa que ela examinava com certa atenção era Faria Kazi.

Lisbeth a observava de perto e provavelmente já havia percebido o perigo daquela situação. Talvez aquilo acabasse em confronto. Alvar não tinha certeza, mas estava preocupado.

Apesar de todas as adversidades, Alvar Olsen orgulhava-se dos programas individuais que tinha desenvolvido para cada interna. Nenhuma era simplesmente posta para trabalhar. Cada prisioneira recebia um formulário para preencher, que levava em conta seus problemas e suas necessidades específicas. Havia internas que estudavam meio período, outras em tempo integral, as que participavam de programas de reabilitação, aquelas que se consultavam com psicólogos, as que se reuniam com tutores ou se qualificavam para o mercado de trabalho. Lisbeth Salander — de acordo com o que a documentação levantara — deveria ter a chance de completar seus estudos ou ao menos receber aconselhamento. Ela não havia completado o primeiro grau e, a não ser por uma breve passagem por uma companhia de segurança, jamais trabalhara. Volta e meia tinha problemas com autoridades, embora nunca tivesse cumprido pena em regime fechado. Seria fácil taxá-la de imprestável. No entanto, havia falhas em seu perfil, e não apenas porque reportagens de jornais a descreviam como a heroína de um filme de ação. Além da presença fascinante de Lisbeth, um incidente não saía da cabeça de Alvar.

Esse incidente fora o único evento positivo, ou surpreendente, ocorrido no pavilhão no último ano. Tinha acontecido poucos dias antes no refeitório, depois do jantar, servido às cinco da tarde. Chovia lá fora. As internas haviam juntado pratos e copos e estavam lavando a louça e limpando o ambiente enquanto Alvar permanecia sentado numa cadeira perto do balcão da pia. Ele não precisava estar ali, o refeitório era responsabilidade das internas, e Alvar fazia as refeições em outro espaço, com os demais funcionários da prisão. Josefín e Tine — do grupo de Benito —, chamadas de gerentes autônomas, recebiam uma verba para encomendar mantimentos, e a elas cabia o preparo

das refeições, a limpeza do refeitório e se certificar de que a comida fosse suficiente para todas as prisioneiras. A função de gerente autônoma dava status. Controlar a comida era um tipo de poder ali dentro, sempre tinha sido assim, e não havia como evitar que algumas internas, como Benito, recebessem uma porção maior que outras. Por isso Alvar estava sempre de olho na cozinha. Ali também ficava a única faca existente no pavilhão, presa na ponta de um cabo de aço. Não era afiada, mas mesmo assim poderia causar ferimentos. Nesse dia, de vez em quando Alvar olhava para a faca enquanto tentava estudar.

Sua vontade era ir embora de Flodberga. Queria arranjar um emprego melhor. Mas para um sujeito que nunca tinha estudado e que só havia trabalhado em presídios as opções não eram muitas. Diante disso, estava fazendo um curso de administração por correspondência, e nesse dia, em meio ao cheiro de panquecas de batata e geleia, lia sobre como o mercado financeiro estabelece o preço das opções, mesmo que não estivesse entendendo muita coisa nem conseguindo resolver os exercícios do livro. Nesse instante, Lisbeth Salander entrou para se servir pela segunda vez.

Tinha o olhar fixo no chão, parecendo distante e mal-humorada. Como Alvar não queria ficar constrangido com mais uma tentativa malsucedida de fazer contato com ela, continuou atento a seus cálculos. Estava claro que a presença dele a irritava. Lisbeth se aproximou e o encarou, e de repente Alvar ficou tímido. Com frequência se inibia quando Lisbeth o encarava, e estava prestes a se levantar para voltar ao pavilhão, quando Salander arrancou o lápis da mão de Alvar e rabiscou alguns números no livro que ele segurava.

“As equações de Black-Scholes são um lixo supervalorizado num mercado muito volátil”, ela disse, desaparecendo em seguida, sem dar a atenção aos chamados de Alvar.

Ela simplesmente continuou andando, como se ele tivesse deixado de existir, e Alvar só foi se dar conta do que havia acontecido depois de um bom tempo. Apenas no entardecer, sentado ao lado do computador, ele percebeu que Lisbeth não apenas tinha respondido corretamente ao exercício num mísero segundo como, com enorme confiança, criticado um modelo para a avaliação de derivativos financeiros premiado com o Nobel. Para ele, que experimentava apenas situações de derrota e humilhação no pavilhão, foi um grande momento, e logo começou a pensar que aquele poderia vir a ser

o início de um contato entre os dois, ou mesmo de uma guinada na vida de Lisbeth, capaz de, enfim, levá-la a reconhecer os dons que possuía.

Passou algum tempo imaginando o passo seguinte, em como poderia motivá-la a se aproximar dele. Por fim, teve uma ideia. Pediria que Lisbeth fizesse um teste de Q.I. Ele havia guardado em sua sala uma porção de testes antigos e formulários, deixados pelos psiquiatras forenses que haviam tentado avaliar o grau de psicopatia, alexitimia, narcisismo e tudo mais que imaginavam que Benito pudesse ter.

Ele mesmo tinha feito muitos desses testes, e achava que uma garota que resolvia problemas matemáticos com tamanha facilidade iria obter bons resultados num teste de inteligência. Talvez aquilo pudesse ter um significado especial para ela. Assim, quando achou um momento oportuno, ficou à espera de Lisbeth no corredor, imaginando-se capaz de desarmá-la com um elogio. E de fato achou que tinha conseguido estabelecer contato.

Porém, no instante em que Lisbeth pegou o teste, algo aconteceu: o trem começou a ribombar lá fora, ela ficou tensa, seu olhar assumiu uma coloração quase negra, Alvar começou a gaguejar e deixou-a ir. Em seguida, ordenou aos funcionários que iniciassem o trancamento das detentas e dirigiu-se a seu escritório, situado logo depois do corredor das celas, atrás de uma parede grossa de vidro, no setor administrativo. Alvar era o único funcionário a ter uma sala própria, e não se podia dizer que ela fosse notavelmente maior nem particularmente mais aconchegante do que as celas. Suas janelas davam para o pátio de exercícios e para a cerca de aço e o muro cinza de concreto. A principal diferença era que nela havia um computador ligado às câmeras de monitoramento do pavilhão, assim como algumas bugigangas que conferiam ao ambiente certo ar de conforto.

Eram quinze para as oito da noite, as celas estavam trancadas, o trem havia silenciado e desaparecido em direção a Estocolmo, seus colegas estavam na copa, certamente falando bobagens, como sempre. Alvar anotou em seu diário uma ou duas linhas sobre a vida na prisão. Aquilo não o deixava de bom humor, já que não era mais sincero com o diário. Em vez de continuar escrevendo, olhou para as fotografias de Vilda afixadas no quadro de avisos e também para as de sua mãe, falecida quatro anos antes.

Lá fora, o céu estava limpo e o pátio parecia um oásis em meio ao cenário inóspito da prisão. Olhou mais uma vez para o relógio de pulso. Estava

na hora de dar boa-noite a Vilda e se despedir com seu “Até logo, minha querida”. Chegou a pegar o telefone, mas não teve tempo de fazer mais do que isso. O interfone tocou. Alvar olhou para o painel, viu que a chamada vinha da cela de número sete — a de Lisbeth Salander — e sentiu-se ao mesmo tempo curioso e preocupado. As internas sabiam que não deviam perturbar os agentes a não ser em caso de absoluta necessidade. Lisbeth nunca havia usado o interfone e não parecia o tipo de mulher que reclama por qualquer coisa. Será que tinha acontecido alguma coisa?

“O que houve?”, ele perguntou.

“Eu quero que você venha aqui. É importante.”

“O que é tão importante?”

“Você me deu um teste de Q.I., não deu?”

“Claro. Achei que você é o tipo de garota que iria se sair bem.”

“Talvez eu seja. Será que você não pode vir aqui agora conferir as minhas respostas?”

Alvar olhou de novo para o relógio. Impossível que ela já tivesse terminado o teste.

“É melhor deixar para amanhã”, ele disse. “Assim você tem mais tempo para revisar suas respostas.”

“Nesse caso seria como colar”, ela respondeu. “Eu teria a noite inteira.”

“Tudo bem, estou indo”, disse Alvar.

Ele não sabia direito por que havia concordado, e no mesmo instante se perguntou se não estaria se precipitando. Por outro lado, com certeza iria se arrepender se não fosse até lá. No fundo, esperava que Lisbeth tivesse achado o teste interessante e que aquele pudesse ser o começo de um relacionamento entre eles.

Alvar se abaixou para pegar a folha de respostas na última gaveta à direita de sua mesa. Depois se ajeitou e saiu pela eclusão que dava acesso ao pavilhão de segurança usando o chip de acesso e o código de segurança. A seguir, começou a atravessar o corredor, olhando para as câmeras pretas no teto e para as lâmpadas amarelas enquanto mexia no cinto, onde estavam o spray de pimenta, o cassetete, o chaveiro, o telefone e o controle remoto com o botão de alarme.

Talvez estivesse agindo como um idealista incurável, mas também não era nenhum ingênuo. Impossível ser ingênuo no serviço correccional. Algu-

mas internas se mostravam atraentes e humildes apenas como forma de manipulação, e Alvar estava sempre atento a esse jogo. À medida que se aproximava das celas, começou a ficar mais tenso. Devia ter pedido o apoio de um colega, como mandava o regulamento.

Por mais inteligente que fosse, Lisbeth Salander não poderia ter respondido ao teste em tão pouco tempo. Devia estar com segundas intenções para chamá-lo; cada vez mais Alvar se convencia disso. Abriu a janelinha da cela de Lisbeth e olhou desconfiado para dentro. Ela estava sentada junto à mesa e parecia sorrir para ele, ou quase, e um otimismo contido invadiu Alvar.

“Muito bem, eu vou entrar. Mantenha-se afastada.”

“Claro.”

“Certo, então.”

Ele destrancou a porta, preparado para qualquer coisa, mas nada aconteceu. Salander manteve-se no mesmo lugar.

“Como você está?”, ele perguntou.

“Bem”, ela disse. “O teste foi legal. Você pode dar uma olhada?”

“Eu trouxe as respostas”, ele disse, mostrando o gabarito.

Salander não disse nada.

Alvar emendou: “Levando em conta a rapidez com que você respondeu, não vale ficar decepcionada se o resultado não for muito bom”.

Ele arriscou um sorriso largo e Lisbeth torceu o nariz. Alvar, porém, não se incomodou; o que o incomodou foi se sentir analisado, e também não gostou nem um pouco da aura escura que viu no olhar de Lisbeth. Ela estaria maquinando alguma coisa? Não ficaria nada surpreso se um plano diabólico estivesse sendo tramado por trás daquele olhar sombrio. Mas Salander era pequena e magra. Ele era maior do que ela, estava armado e havia recebido treinamento para situações de emergência. Não havia nenhum risco — ou será que havia?

Cheio de expectativa, Alvar pegou o teste e deu um sorriso amarelo para a prisioneira. Em seguida correu os olhos pelas respostas, sempre atento a Salander. A situação parecia tranquila, ela não fazia nada além de olhar para ele, como se perguntasse: “E então, me saí bem?”.

A caligrafia não era nada boa. O teste estava repleto de manchas pretas e rasuras, como se tivesse sido feito às pressas. Aos poucos, sem descuidar de Salander, Alvar foi comparando as respostas dela com o gabarito. Primeiro cons-

tatou que a maioria parecia estar certa; depois não conseguiu evitar a surpresa. Mesmo as perguntas mais difíceis, no final do teste, haviam sido respondidas de forma correta, ele nunca tinha visto nem ouvido falar de um resultado como aquele. Era inacreditável, e Alvar estava prestes a fazer um comentário entusiasmado, quando de repente notou que não conseguia respirar.